



# Gaiato

**PORTE PAGO**

Quinzenário \* 13 de Junho de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 972 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Calvário

Mais um mês e será o 25.º aniversário da morte de Pai Américo e o 24.º do Calvário. As duas Capelas de Beire são marcos. Da bênção da primeira, partiu Pai Américo para a viagem de que não regressaria. A bênção da segunda foi o acto de celebração do primeiro aniversário daquela morte-fonte de vida e o princípio efectivo do Calvário, o último sonho de Pai Américo que coube, depois, a P.e Baptista concretizar.

No contexto desta efeméride surge uma carta, que nada tem de singular, mas que talvez por chegar em data em que o nascimento de uma Obra e o falecimento do Fundador andam tão unidos, me faz pensar no

peso-morto da Inércia que Pai Américo verberou tão veementemente.

O officio vem do Hospital Concelhio de S. Pedro do Sul e é denúncia (aliás, tantas vezes repetida a partir de órgãos oficiais!) de uma lacuna social que já eram horas de começar a ser colmatada:

«Entrou este Hospital em contacto com o Centro Regional de Segurança Social de Viseu, para internar uma criança anormal, que neste Hospital tem estado em tratamento.

Em virtude de se terem esgotado todas as possibilidades de recuperação desse doente, há necessidade de ser transferido para uma casa de deficien-

tes, em virtude de não poder regressar para junto do Pai, por este não ter idoneidade moral, ser alcoólico e tanceiro ambulante. É órfão de Mãe e não tem mais família.

Informou-nos o Centro, que não havia nenhuma organização, a nível distrital, com internamento para estas crianças e indicaram-nos a Obra do Calvário do P.e Américo, pelo que estamos a expor o caso ao Rev. Padre Baptista.

Trata-se duma criança de 8 anos, do sexo masculino, débil, com certo grau de atraso mental; não fala e é cega do olho esquerdo. Os movimentos dos membros superiores e inferiores são normais. Não é portador de qualquer doença infecto-contagiosa.

Como não podemos continuar a tê-la neste Hospital, para ela chamamos a melhor atenção de V.

Com os melhores cumprimentos, o Presidente da Comissão Instaladora.»

Pois o caso será até dos nossos! Mas como pode responder uma Casa com lotação para 100 Doentes, às necessidades de um País inteiro, pois



Dantes, não sorriam... Eram lixo das ruas. Hoje, porém, estão no que é seu: a Casa do Gaiato.

## TRIBUNA DE COIMBRA

Mais um dia. A noite foi mal dormida. A oração-meditação da manhã, em união com Rádio-Renascença, teve sentido: a insignificância, a saúde que já não deixa, os anos que vão passando, o desgaste do dia-a-dia, os problemas que vão surgir. Senhor, em união Contigo tudo tem sentido, tudo tem valor. Eu Te ofereço o dia todo, Senhor.

O dia foi muito cheio. Dia das últimas sementeiras. Já tudo devia estar nascido. O tempo longo sem chuva e a chuva das últimas semanas atrasaram a agricultura. Agora andamos a espereitar o sol e atentos ao boletim meteorológico.

No fim do pequeno-almoço apresentámos trabalhos e chamámos trabalhadores: Tonito, Dias, «Chola», «Lacinho» e «Finote» da carpintaria; Zézito, Rocha e «Leitão» da serralharia; Alvaro da sapataria; «Canudo» da padaria; «Spok» da cozinha; Manel da sala da costura.

Começámos. Dias com trator grande. O tratorito esteve quieto. Rocha e «Lacinho» com um boi e depois com os dois bois à charrua e à grade. Tonito e Zézito com aradito de mão. Outros com enxadas e

forquilhas e padiolas. Os mais velhinhos da Escola também ajudaram até a sineta os chamar.

Ao meio-dia, quando a sineta chamou para o almoço, deixámos arrumadas muitas preocupações que andavam connosco já há dias. Ao subirmos as escadas do fundo da quinta batemos com os olhos no nosso padre Abraão que agora é pároco de duas freguesias e professor de Religião e Moral no Liceu e que veio almoçar connosco, como faz muitas vezes, e que vive connosco horas de muita alegria.

No fim do almoço, com os parabéns ao Neutel que fez 11 anos e que distribuiu bolos e rebuçados, com uma pequena passagem pelo bar, os trabalhos recomeçaram. Horas de sementeira. Onde de manhã era resto de erva ficou semeado feijão de canteiro. Onde meloal não nasceu, agora semeámos cenoura. Onde ainda ontem era o nosso faval hoje semeámos abóboras e grande extensão de feijão de qualidade.

Tocou para a merenda. Fiquei surpreendido com a notícia que me deu um vizinho. Daí

Cont. na 4.ª página

que não é «a nível distrital» que «não há nenhuma organização» para estes casos; é a nível nacional!

E, no entanto, como seria relativamente fácil, se a voz de Pai Américo não tivesse bradado no deserto e em cada Hospital houvesse anexo um pequenino Calvário, aonde pu-

dessem ingressar aqueles que o sector hospitalar rejeita por incuráveis, mas que não há o direito de absolutamente rejeitar. Claro que há o incurável que tem família capaz e esta a obrigação de levar a sua cruz até ao fim! Mas se acontece,

Cont. na 4.ª página

## Famílias

● Mais um pai, carregado de desgosto e com a alma cheia de tristeza, a dizer-me em linhas trémulas, que sua filha morreu «por suicida no dia 25/4 passado». Vem procurar um pouco de alívio. Mas que palavras podem consolar o coração esfarrapado deste pai? Não tenho. No cartão que lhe mandei: «Pode contar com as nossas orações. Deus é Bom. Não perca a fé e a esperança.» A esmola dum tostão a quem sofre a fome do mundo!

Alguma coisa está errada nesta nossa sociedade, onde a fúria do dinheiro, dos prazeres e da onda pornográfica esvaziam o coração dos jovens.

● A segunda família de hoje é infeliz e agitada. Os esposos não se dão muito bem. Cada um tem fora do lar os seus amigos e centros de interesse. Os filhos estão um pouco à margem. De resto, nem sequer existe o casulo íntimo e feliz para eles entrarem. O carinho da mãe fica diluído em futilidades. A autoridade do pai perde-se na demissão de todos os instantes.

Os meninos vão às aulas, pois os pais querem que eles se formem. Capricham mesmo. É bonito! Mimoseiam os meninos para que eles estudem... até presentinhos!

Tudo falso. Eles estudam

quase nada. Nas horas livres vagueiam pelo bairro. A noite bebem (os filmes que nos dão!) e seus pais ajudam a pagar.

O mais velho droga-se... Mesmo nas barbichas do pai! Com o conhecimento dos respeitáveis professores! Quase na frente das excelentíssimas autoridades!

● Há poucos dias, estive em casa dum casal com três filhos já moços. «Venha ver as minhas pombas. Olhe os meus coelhos. Veja as abelhas.» Vi as pombas, os coelhos e dez cortiços cheios de

Cont. na 3.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Setúbal

**PAI AMÉRICO** — Os Gaiatos que foram da Casa de Setúbal, ou que vivem nesta zona, reúnem-se no dia 19 de Julho (domingo), para celebrarmos os 25 anos de saúde de Pai Américo.

A concentração é no Lar do Gaiato — em frente ao Cemitério — pelas 9 horas. Daqui, seguiremos para a nossa quinta, onde celebraremos o melhor possível este dia.

Vem. Traz contigo a mulher e os filhos. Comunica a todos os outros.

Ernesto Pinto

## Paço de Sousa

**UM CASO** — Quando me deslocuei a Lisboa para prestar provas de classificação na Armada, entrei num «tascão» da capital e chamou-me a atenção, uma conversa — que me deixou perplexo.

É um Pereira — dos muitos que a nossa sociedade gera — vítima da injustiça dos homens e do Direito.

Aconteceu que, quando se deslocava para o emprego, circulando de moto, ao tentar fugir de uma viatura que se deslocava em sentido contrário e sem as luzes dianteiras acesas, embateu no passeio e ficou inanimado.

A viatura desapareceu e a vítima foi encontrada algum tempo depois, por uma patrulha da G. N. R. que o transportou ao hospital, com problemas na coluna vertebral.

Radiografias para cá, radiografias para lá, e sr. Pereira sofrendo dia após dia!

Depois, afirmaram-lhe que as dores não provinham da coluna, mas de outra parte do corpo... Radiografias para cá, radiografias para lá. E chegaram à conclusão que as dores eram na perna direita. Sr. Pereira continuava sofrendo serenamente...

Foi tratado, como compete aos senhores doutores.

Deram-lhe alta (desculpem os leitores) baixa!

Tempos depois, recebeu em sua casa a conta do tratamento: 23.300\$00!

— Poderá alguém pagar uma conta destas se tiver três filhos para sustentar, ganhando apenas o ordenado mínimo nacional...!?

Ele não.

Os serviços da Caixa — para os quais desconta, há 22 anos, sem nunca ter precisado do que quer que fosse — negam-se, agora, a prestar-lhe qualquer auxílio!

Recorreu ao Tribunal.

Ouvido pelo Juiz, acabou por perder a causa!

Não lhe dão prazo — aliás raras vezes dão. Quanto mais tempo demorar a pagar, mais terá que dar!

Está, agora, tentando um subsídio da Junta de Freguesia, através do Atestado de Indigência.

Que acontecerá a este homem se o caso se arrastar por tempo ilimitado?...?

Acabará, por certo, numa peni-

tenciária..., deixando os filhos sem pão, nem carinho.

Há muito que fecham os olhos a casos destes, quando os deveriam solucionar oficialmente.

Se as Instituições particulares — das quais a Obra da Rua é um elemento preponderante — resolvessem fechar os olhos, também...?!

**VISITANTES** — Com o Verão, as visitas a nossa Casa são uma constante.

Há dias, esteve connosco o sr. P. e Acílio, integrado numa excursão proveniente de Setúbal. Apesar de ser o responsável pela nossa Casa naquela zona, não quis deixar de nos visitar por breves instantes.

São excursões de crianças, patrocinadas pelas Delegações Escolares. São grupos de amigos que nunca se esquecem de estar connosco, disfrutando assim do bom acolhimento de que são alvo em nossa Casa.

Venham sempre. «Somos a porta aberta.»

**FESTAS** — As nossas Festas são, acima de tudo, um estímulo e uma chamada à realidade do mundo que nos circunda.

No meio de tanto ódio, desilusão e todos os adjectivos que definem a sociedade actual, conseguem-se «flores» que, dantes, eram nada nas mãos do destino — um destino cruel.

Esta verdade nua e crua está bem patente no grupo que deambula de terra em terra, mostrando às pessoas aquilo que somos e que é no diálogo franco e directo que os homens passam a ser Homens e não componentes passivos agindo em função de si mesmos.

O término de Maio levou-nos a Alfena e a Santo Tirso. Em ambas o habitual carinho que as pessoas nos dedicam. Em Santo Tirso colaborámos na festa que a Paróquia de Serapiões organizou para as crianças que, este ano, farão a Profissão de Fé, ficando assim definitivamente ligadas à Igreja Católica.

A romaria continuará e, com ela, o convívio entre os homens.

**ESCOLAS** — As aulas estão no fim. Quem estudou, verá o seu trabalho recompensado. Quem se decidiu pelo contrário, poderá lamentar-se e dar por perdidos todos estes meses.

Não sei como irão ser as notas aqui em Casa. Espero que se não puderem ser melhores que as do período passado, pelo menos sejam iguais. No próximo número far-se-á o balanço do que foi o ano escolar nesta Casa.

**DESPORTO** — Um nome bem conhecido de todos, mas nem por todos entendido.

O que acontece nos diversos locais onde a *clubite* impera, os nervos se exaltam e os males se sucedem, são prova suficiente do anti-desporto que no mundo prolifera.

Em nossa Casa — limitados como estamos a poucas modalidades — acontece Desporto. Seja em futebol, ténis de mesa ou natação, há um compromisso de consciência, pois só assim é possível aliviar a mente, movimentando o corpo.

De 17 a 31 de Maio estivemos num torneio em Cête.

Contra o que é habitual, não ganhámos nenhuma prova nem vencemos colectivamente, quedando-nos pelo quarto lugar, enquanto conseguimos alguns segundos lugares. Isto deveu-se ao facto de, nesta altura, a maioria dos rapazes se encontrar em aulas, não lhe sendo, por isso, possível integrar o lote de rapazes que se deslocou a Cête. Os disponíveis tudo fizeram e mais não se poderia exigir.

Morgado

## BAIRO

**DIA DA MÃE** — Nós cá gostamos muito de festejar o Dia da Mãe. Alguns dos nossos mais pequenos ofereceram lindos cartões à senhora. Ela é que faz as vezes da nossa mãe. Não é só a ela que devemos oferecer prendas, também à nossa Mãe do Céu. A nossa Mãe do Céu não precisa dos cartões, mas quer que nós lhe ofereçamos a nossa oração do dia.

**GRILLOS** — Muitos de nós gostamos de grilos. Foi então que um dos nossos rapazes, o Óscar, de 11 anos, quando apanhava um, vinha ter comigo, dizendo:

— Olha, já apanhei mais um e é cantador!

Ele gosta de ouvir os grilos cantar dentro das gaiolas. É pena tê-los presos. Era melhor deixá-los andar à vida.

**PORCOS** — Uma das nossas porcos mais pequenas teve, há dias, uma ninhada de 11 porquinhos.

Foi pena morrerem dois e só ficar com 6 machos e 3 fêmeas. Tiveram que ficar dois dos nossos a guardá-la até às 11,30 h da noite.

**AGRICULTURA** — Alguns dos nossos campos já estão semeados e só falta um para cortar a erva de azevém e semear.

É uma pena a chuva, que estraga tudo; molha a palha toda. A maior parte dela já está guardada. Foi sorte, graças a Deus.

As nossas batatas estão muito bonitas e quase sachadas; só faltam três campos.

Andaram duas Doentês do Calvário a sachá-las.

Oxalá dêem boa batata!

«Palhaço»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ela vinha angustiada — com a língua travada. O caso não é para menos!

— Escreva uma carta! Escreva..., a ver se eles mandam a pensão pela morte do meu homem...

Esta Viúva jovem não estenderia a mão se o deferimento das pensões fosse menos roncero — em plena era da Informática!

A gente escreve, insiste, clama no deserto — em defesa dos Pobres, dos Oprimidos; como se a remessa da pensão ou pensões (o caso vertente) fosse caso omissivo nas leis ou assim a modos de quem requer uma caridadezinha rançosa.

Nos domínios duma séria Justiça Social, quem se compadece com uma orgânica destas? Mas tarda a solução do problema, que já nem é omissão do aparelho de Estado.

A Família — célula sagrada — anda por aí em cima dos telhados: congressos, seminários, reuniões internacionais. Mas as leis são papel, ou aplicadas ao retardador. Se não betonamos o alicerce, como seguramos o edifício?!

Mais concretamente: não fossem cinco contos dos nossos leitores, e o mais que não vale a pena referir, entregues à Viúva todos os meses, como seria a vida do seu agregado?! E quem diz este, muitos outros pelo País fora...

Não agindo na hora própria, com eficácia, podem gerar-se gravíssimos problemas sociais — particularmente em Viúvas jovens: prostituição, filhos sem pai, fome, doenças...

Quem duvida?!

Em conclusão: um benefício oficial aplicado tardiamente — ou mal aplicado — provoca chagas sociais!

Na hora do comboio da Europa (não somos passageiros?) quem ouve estas desgraças que, nem sempre, vêm à luz do dia? Quem pode debruçar-se, com seriedade, no trabalho ciclópico de racionalizar, simplificar e despachar rapidamente as pensões de sobrevivência — desde que a burocracia tenha em mãos a certidão d'óbito do beneficiário mai-las cédulas do agregado familiar?!

● Trinta anos depois — quem havia de dizer! — as moradias do Património dos Pobres continuam sendo obra válida, um reduto suplectivo, exactamente porque não são construídas habitações para famílias pobres — em zonas interiores do País!

Na região onde nos situamos, o investimento no parque habitacional é só de natureza particular (Auto-construção na maioria) sem a mínima acção concreta do sector oficial (*habitação social*), excepto em meios retintamente urbanos, como se o País fosse apenas de cidades e vilas...!

Vêm parar à nossa mão famílias angustiadas por não toparem abrigo no mercado da habitação. Dramas terríveis! Particularmente quando se trata de casais novos...

Temos um, a quem ajudamos no aluguer, que não tardará a ir para a rua..., caso não encontre moradia em mercado saturado.

Outro, a quem também damos a mão, na ânsia incontida de abrigo transacciona um prédio de forma irregular (por desconhecimento da lei) com tremendo sacrifício, e, mais rancho de filhos, estão na iminência de ficar ao relento — desde que indemnizados.

Mais. Aquela mulher separada do marido, alojada mai-los filhos na baíuca dos pais; há que ajudá-la a erguer um edifício de raiz — pela Auto-construção. Nem vale a pena fazer contas!...

E mais e mais...!

Com alguma tarimba no diagnóstico da situação e, concretamente, nos domínios da Auto-construção espontânea, acompanhámos — pela Imprensa — umas jornadas que decorreram na Gulbenkian, onde os participantes dissecaram a problemática da habitação a nível nacional.

Sublinhámos pertinentes achegas, que tomamos a liberdade de transcrever sem comentários:

«A Suécia demorou 30 anos a resolver o seu problema da habitação, mas é inegável que o fez. Se, à partida, as carências não eram demasiado diferentes das portuguesas, já as ideias de fundo e as acções postas em prática são praticamente o inverso das nossas.

Com efeito, na Suécia, a habitação tem sido encarada como um problema social... E, se naquele país nórdico, a habitação construída se reparte quase igualmente entre as empresas municipais de habitação (35%), a promoção privada (38%) e as cooperativas (27%), entre nós a repartição dos fogos construídos em 1979 foi de 14% para o sector público, 0,3% para as cooperativas e o restante para a promoção privada.

A incapacidade, nas últimas décadas, para solução dos problemas de alojamento foi medida por um alarmante quadro de carências apresentado no decurso do encontro.

Logo à cabeça, números que dão que pensar. Segundo as estatísticas 40% dos fogos do nosso País foram construídos há mais de 60 anos.

Sucede que, a nível nacional, 42% das casas estavam arrendadas, em 1970 — ano do último recenseamento. Ora, a maior parte das casas nestas condições, isto é, arrendadas, foram construídas antes de 1945.

O problema da degradação do parque habitacional é, assim, um dos factores principais da crise de alojamento em Portugal.

Ao lado de uma avalanche de dados sobre a Suécia, onde os custos de construção são controlados e os municípios têm total controlo sobre o solo urbano (sem que para isso tenha sido necessária uma municipalização dos terrenos) sobressai dos dados, sobre o nosso País, o agravamento dos custos de construção.

Desde 1974 este custo tem subido a uma taxa anual da ordem dos 20%. Dizendo o mesmo por outras palavras: entre 1974 e 1979, construir uma casa passou a custar o dobro.

Principal causa desta situação: agravamento, da mesma ordem de grandeza, dos custos dos materiais mais importantes, com uma única excepção para 1975, ano durante o qual os aumentos salariais tiveram um maior peso no agravamento dos custos de construção.

Nas jornadas «foi posta em dúvida a existência coerente de uma política de habitação em nosso País. Há, apenas, programas do sector público e crédito às entidades privadas, mas não se define quem promove habitação, como e em que prazos.

Foi, também, referido que, enquanto o preço da habitação for definido pelas regras da oferta e da procura e a indústria da construção se mostrar incapaz de reflecte

# AGORA

De modo como desabafei, ao encerrar esta coluna há quinze dias, lhe ponho hoje o termo — o termo desta saída da pro-cissão. Ponho-lhe não; que não sou eu que ponho, mas sim os leitores com retalhos das suas mensagens, que só por imposição do espaço não vão na íntegra.

Partilhar é bom. Mas quando o espírito que anima a partilha é sopro divino, então é que é! São desta sorte os nossos Leitores. O que cada um dá do que tem fica na sombra, tal a luz que irradia do que cada qual é!

Partilhar é permutar. Estas cartas evidenciam a consciência de que assim é, tal a humildade e a delicadeza com que nos estendem a mão para dar e receber.

Da Beira Alta, uma Maria que apareceu numa quinzena atrás e prometia voltar. Aí está ela com os segundos 25 contos para a Casa de Deus-Conosco:

«Escrevo em hora de trevas, natural começo de mais uma Quaresma.

Parece-me que a minha cruz é demasiado pesada. Isto, porque não aprendi ainda a esquecer os meus problemas para olhar os Outros que vão à minha frente mais sobrecarregados.

Ao contrário dos discípulos que, de pusillâmines no Horto

tir nos preços finais os efeitos da modernização tecnológica, cada vez se gastarão mais recursos e se construirão menos casas e menos acessíveis serão os preços às populações necessitadas.»

Continuamos na próxima edição, se Deus quiser.

PARTILHA — «Uma portuense qualquer» envia a «migalhinha relativa ao mês de Abril para ajuda das despesas da Conferência» e dá «graças ao Senhor pelas maravilhas que Ele opera».

De «Uma lisboeta» 1.000\$00 com «muito amor por todos os Irmãos mais desprotegidos».

Cheque da Parede — «gostava que fosse anónimo...» — pedindo «orações por minhas intenções».

Rua S. Sebastião, Aveiro, 800\$00. Assinante 13519, 1.000\$00 entregues no Espelho da Moda. Metade do assinante 9790, de Oliveira do Douro, lembrando os «momentos de grande elevação que sentimos na Festa do Coliseu».

De Paço de Arcos um vale do correio, partilha do vencimento mensal: 4.000\$00. Oh persistência!

Remessa volumosa de V. N. da Cerveira e o carinho de sempre.

Por fim, remanescente de contas proveniente de Esmoriz.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

das Oliveiras, se transformaram em outros cristos, ainda continuo na fase do terror das cruces e das lamentações estereis.

Vós sois operários da primeira linha, olhando de frente o trabalho que há a fazer e esquecidos de vós mesmos, não tendo sequer, a maior parte das vezes, quem cá de traz vos chegue o material.

Ajudante pouco diligente, cá venho de novo passar-vos mais uns tijolos para continuar a erguer mais uma gruta de um Pobre de Cristo sem lar. Mas não vai de coração aberto, sem querer nada em troca: preciso de orações.»

Fica agora um testemunho de amor conjugal:

«Minha boa e santa Mulher, que me prodigalizou uma felicidade ímpar durante quarenta anos, deixou este legado nas suas disposições: 12 mil escudos destinados à ajuda para a construção das casinhas dos Pobres e 500\$ para o Calvário (do P.e Américo). Faleceu em 21 de Março. Peço a V. para sufragar esta boa alma que Deus tem.»

Duas mães inquietas: uma de Lisboa, outra do Porto. A primeira:

«Advento: preparação do Natal. Natal tempo de Amor e de Esperança. Esperança em Cristo pelos homens e Esperança nos homens para um mundo melhor.

Eu gostaria de participar em grande para um mundo melhor, mas faço tão pouco!

Peço uma oração por meu filho, de 18 anos, que neste momento se diz ateu convicto, depois de uma educação religiosa que recebeu. Resta-me a esperança de que o que semeei um dia germinará.

Receio que a Fé que ele diz não ter, lhe faça falta para o equilíbrio correcto da pessoa que é, essa Fé que tem sido a grande força da minha vida.

Acredito que o Senhor protegerá meu filho, mas penso que é necessária muita oração.»

A segunda:

«Junto a quantia referente a 12 meses de economia para ajudar a comprar algumas telhas de alguém que se esforce por fazer a sua própria casa. Fiz, há um ano, o propósito de mandar 1.000\$ por mês, com esse fim, pois estava a pensar fazer uma casa numa propriedade que possuo na aldeia e não me sentia bem com a minha consciência estar a pensar fazer uma casa melhor que a que actualmente possuo, quando há tantas famílias em Portugal que não têm nenhuma. Ainda não nos foi possível

começá-la, mas quero ser fiel ao meu compromisso e aqui estou, feliz por poder cumprir, mas com pena que esta alegria não possa ser extensiva aos meus, pois não me compreenderiam.

Queria pedir-lhes muito o favor de algumas orações dos vossos mais pequeninos, pela conversão dos meus filhos. Tenho cinco; uma casada e uma solteira que me tem dado desgostos sem fim. Dos cinco, só o mais novo pratica. Sofro muito por os ver assim afastados de Deus.

Costumava passar por aqui um dos vossos a vender o jornal e gostava de lho comprar, apesar de ser assinante, para o estimular e para conversar um bocadinho com ele, mas já há muito tempo que não aparece. Gostava de saber o que se passa com ele.»

Esta, como se não lhe bastassem as preocupações pelos seus, tem ainda lugar para o cuidado pelo nosso: «Gostava

de saber o que se passa com ele». Pois nada se passa senão que, com o crescimento das assinaturas do jornal, temos cingido mais a venda-avulso e não tem ido ninguém à Areosa.

De Setúbal, a Fernanda, da Casa de N. S. do Carmo, manda mais uma «chega» e «Deus permita nunca a considere construída em toda a minha vida». E, «para a Obra, longa vida, porque ela, por causa dos nossos pecados, não vai desaparecer por desnecessária».

Do Telhal, carta para o Júlio, muito familiar, de quem o conhece «desde a primeira hora em que o «Famoso» saiu, pela sua leitura feita regularmente, de fio a pavio, em meio de rigoroso e religioso silêncio, no refeitório monástico em que então me encontrava».

Voltamos ao Porto:

«Remeto um cheque com uma quantia que é fruto da venda dum objecto que possuía e que dentro dum armário nada rendia.

Espero que vá agora render entregando-a para a Auto-construção (22.000\$) e o restante para a Conferência e pagamento do livro «Doutrina» que há tempos recebi.»

Feliz de quem tem o sentido autêntico dos valores e da oportunidade. E, igualmente, dos que têm positivamente o sentido da Justiça, manifestado

no desejo e no esforço para que os Outros tenham aquilo mesmo que o próprio conseguiu e no agradecimento pelo «muito que deve ao P.e Américo»:

«Depois de vários meses de procura, consegui a casa que ambicionava. Como isso me deu uma grande alegria, queria compartilhá-la convosco, enviando esta quantia (20 contos) que gostaria fosse aplicada na ajuda da construção de mais um tecto que vá abrigar a família que, nesse momento, mais necessitar.

Com toda a amizade de alguém que muito deve ao P.e Américo.»

Tornamos a Lisboa. «Um «Amigo velho (e velho)»:

«Se não erro, vi há tempos n'O GAIATO que os meus amigos tinham af uma espécie de mini-contabilidade relativa ao Património dos Pobres.

Pois bem: minha mulher e eu pedimos licença para vos enviar 20 contos. Será, se possível, para terminar alguma dessas casas, a que já pouco falte pagar... ou para iniciar outras, se isso vos parecer melhor.»

Continuamos para o Sul. Agora é Faro:

«Procurei, há meses, saber de que maneira poderia encontrá-lo para lhe fazer entrega de objectos de certo valor...

Até que uma noite de insónia o Senhor ajudou-me, dando-me a ideia de enviar-lhe um cheque.

Portanto, junto envio um cheque de 300.000\$, para ajudar à construção de uma casinha, onde se possam abrigar nossos irmãos sem lar.

Agora o meu pedido principal: o maior sigilo. Só me satisfaz que o Senhor conheça a sinceridade com que pratico esta dádiva.»

E fechamos em Braga com dois recados do Manuel Joaquim. O primeiro cheque data do Natal:

«A minha intenção é ajudar os mais infelizes: Pais e Mães com muitos filhos, Viúvas ou Viúvos, que dos homens ninguém se lembra e há muitos que vivem pior do que as Viúvas. Pode ser também para ajudar a construir uma casinha..., mas a oferta não chega para nada. Mas se tiver outra intenção sua, faça o favor de dispor para o que entender.» Oh delicadeza! Oh generosidade! E continua: «Não calcula a alegria que me dá quando vejo no jornal a ajuda a diversas pessoas em necessidade! É como se fosse feito a mim próprio!»

A segunda mensagem é «nes-te mês e dia de S. José»: Quero marcar a minha presença a algum Irmão que precise de ajuda para acabar de construir a sua casinha, ou a alguma mãe ou pai em necessidade». E termina: «Nas suas orações e nas dos seus companheiros sacerdotes peçam por mim; eu também nas minhas os lembro ao Senhor.»

Padre Telmo

Padre Carlos

## Famílias

Cont. da 1.ª página

abelhas e mel. Um grande quintal com favas e hortaliça! «Somos nós, nas horas vagas.» E são.

Respira-se harmonia nesta família. Os pais dão e exigem. O pai é amigo e companheiro que se ajoelha com eles no chão para tratar a pata ferida do coelho.

A mãe, todas as manhãs, escancara as janelas ao sol quente e luminoso e vai tratar das suas três flores — os filhos — como se elas fossem únicas!

● Vive num recanto de árvores e flores! Das janelas abertas, o vale e os montes. Há pássaros e grilos. Os filhos casaram e se foram. Na penumbra das tardes quase sempre recorda a sua infância...

Filho duma família pobre, fazia 14 km para ir à Escola. Fez o liceu com muito sacrifício — dele e dos pais. Depois, empregou-se e tirou o curso de engenheiro civil. Educou os filhos no amor ao trabalho e

no respeito pelos Outros. Quando algum deles se descuidava e não preparava as lições na véspera, ele o acordava às 5 h da manhã. Todos se formaram.

Agora, muito triste, ele se despede de todas as coisas! Sabe que tem uma doença incurável. Embora, cheio de dor, aceita. Tem fé. Fala com Deus. Olha a vida no plano da Eternidade. Tem na sua carne e na alma esta certeza e procura vivê-la em todos os instantes. Sente bem ao vivo como é passageira a nossa vida terrena... Como são inúteis as vaidades.

Ao entrar dentro desta família amiga, pensò, com tristeza, em tantas famílias que sófrem e não têm a felicidade de possuir o dom da fé... E, também, como elas se propõem uma meta que julgam necessária à sua felicidade: ser rico, considerado e gozar a vida. A Terra é pátria definitiva. Depois, caem em cima as dores deste mundo... E, não há mais caminho. Nem horizonte. Só escuro e vazio.

# Uma data

É um estímulo espiritual, para todas as gerações, recordar uma data que é marco histórico na vida da Obra da Rua. Concretamente: a fundação da nossa Aldeia de Paço de Sousa, há 38 anos — filha dilecta da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Ninguém melhor do que Pai Américo para nos descrever o facto — em seu estilo peculiar:

«A Casa do Gaiato de Miranda, do Corvo, também conhecida por Casa do Gaiato de Coimbra, forneceu os necessários elementos de estudo, colhidos na vida do próprio rapaz da rua, mercê do à vontade com que ali dentro se conduzem. Quatro anos de experiências, deram provas de sobejo. Importava alargar a Casa para receber mais garotos. Os pedidos de admissão afluíam e da mesma sorte o vadiozito apresentava-se por si mesmo, a pedir que o deixassem entrar.

(...) Uma quinta espaçosa é o motivo principal da Obra. Ela é fonte caudalosa de trabalho, de receita, de alegria. O contacto com as coisas da

Natureza é um tónico espiritual, que penetra e invade o ser desta pequenina fauna.

(...) O objecto da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela; dar uma lei aos deles que vivem à margem da lei; marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o seu equilíbrio: se gratuitamente me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá, muito se pede.

A cidade do Porto fornecia campo extenso de observações, sempre que por lá passava.

Logo à saída da estação de S. Bento, dava de cara com a chusma dos maltrapilhos, os consules da minha gente que, não sei porque bulas ou sinal, dirigiam-se a mim, confiados, a relatar as suas necessidades mais instantes; a grande, a única daquele momento — comer! Eu conhecia mal a cidade; também não queria dar muito nas vistas. Trocava algumas palavras ligeiras e discretas com os farrapões e seguia-os a distância até à primeira tasca. — «Ali há iscas, sr. abade».

(...) Daí a nada eu era conhecido da tropa e venerado. Já não é na estação; é mais além, em sítio ermo, que o pequenino se aproxima e conta a sua tragédia. Sei aonde e como vive. — «Eu fico nas retretes, sr. abade».

Sei da família. Sei dos costumes. É tal o desejo que eles experimentam de que alguém no mundo oiça a sua história, que as iscas e a tasca não têm lugar na conversa. É preciso lembrar-lhes: — Queres comer?

Estava indicado um local nos

arredores do Porto para lançar os fundamentos de uma réplica fiel à Casa do Gaiato de Coimbra. O Porto, dizia eu comigo mesmo, há-de compreender. Há-de auxiliar. Há-de responder. Não podia ser dentro dos muros da cidade. Fora. Longe. Os filhos de ninguém contraem graves doenças nas ruas, que só se curam com a distância delas.

(...) Apareceu-nos a antiga cerca dos Monges Beneditinos de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade do Porto. Não a procurei. Estava ela de queda à minha espera!

Um incêndio havido anos antes, levou os que ao tempo ali habitavam, a outras paragens. O musgo, as silvas, os morcegos, o abandono — estavam ali.

Uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça declarou que a propriedade não era património do Estado, tão pouco de quem a usufruía. Hoje, chama-se e é a Casa do Gaiato.

Em Abril do ano de 1943, tomei conta do espólio. Dias depois, começava-se a demolir o antigo dormitório dos frades e logo a seguir, na parte mais alta da cerca, dezenas de pedreiros cantavam às pedras das casas em construção.

Ardeu tróia! O quê?! Demolir as sacrossantas pedras do convento e trazer a crápula para uma terra tão linda?! Críticas, reparos, dúvidas, reticências, acusações — lógica e natural reacção da mediocridade.

Em Maio, chegam da Casa de Miranda do Corvo três pioneiros da Obra. Instalámo-nos todos em uma dependência do antigo cenóbio, que ficou de pé para tradição. Comprámos uma vaca, algumas aves domésticas e coisas de primeira

## Calvário

Cont. da 1.ª página.

como se diz nesta carta que não há mãe, que não há mais família, que resta apenas um pai não idóneo — quem haveria de tomar este pequeno como seu?... — O Hospital Concelhio, que «não pode continuar a tê-lo» por «se terem esgotado todas as possibilidades de recuperação do doente», mas deve continuar a tê-lo numa secção adequada, no seu Calvário.

Quando se pensa nisto a sério?!

Nós somos assediados pelos Serviços Sociais de muito Hospital e testemunhas do sofrimento que consome aqueles Assistentes que têm o coração no seu lugar. Os Serviços Médicos e Administrativos impelem a saída de tal ou tal Doente em relação ao qual «se esgotaram todas as possibilidades de recuperação». Porém, se ele

não tem onde viver, aonde irá morrer? A Assistente é cilindrada entre a pressão administrativa e a inexistência de um lugar próprio para o Doente despedido. Nós somos cilindrados desde o Minho à costa do Algarve, e vamos recebendo alguns, aqueles que é possível — gota do caudal imenso de necessidades que corre sem controle nem destino. E D. Inércia continua impávida e serena à espera que o problema se resolva por geração espontânea.

Daqui a um mês os jornais, talvez a Rádio e a Televisão, talvez até (e não faria mais que o seu dever!) um Responsável pela coisa pública irão lembrar que há 25 anos se extinguiu o P.e Américo. E certamente gastarão uns tantos adjectivos, extintos, eles sim, de significado.

Pois uma comemoração digna de Pai Américo, substan-

Retalhos de vida

O

### «Ferreirinha»



Sou Carlos Alberto, mas deram-me o nome de «Ferreirinha».

Nasci no dia 8 de Junho de 1967. São 13 anos já feitos.

Tenho pai e mãe. Somos cinco irmãos: uma rapariga e quatro rapazes.

Morávamos na Rua Escura (Porto) e depois fomos para Ramalde (Porto) e muito gostava de lá estar...

Agora, estou na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, com mais dois irmãos. Eu estou, por cá, muito contente. São todos meus amigos.

Quando andava por lá era muito vadio e fugia à minha mãe. O meu pai ia sempre para a tasca e chegava a casa muito bêbedo e batia na minha mãe.

Assim, cá estou a fazer-me um homem para a vida.

Mando um grande abraço para todas as pessoas que lêem o nosso jornal O GAIATO.

Carlos Alberto («Ferreirinha»)

necessidade. Cultiva-se um pequenino quintal com sua horta e jardim e vivíamos como Deus com os anjos.

Em Agosto, chegam mais obreiros. Vêm da Casa-mãe. São os fundadores de Paço de Sousa. Por esse tempo, tomámos conta do amanho da quinta; foram-se embora os caseiros que a fabricavam. Comprou-se mais gado, alfaias, sementes. Começámos a cultivar os campos na sua totalidade. Grandes jeiras de terra negra cobrem-se de tapetes de pão.

Os rapazes deliram com a vida a germinar.

(...) Não vivemos a vida tenebrosa das pautas e dos regulamentos. Dispensou-se o zelo mai-lo saber do funcionário de profissão. Fizemos um pequenino mil seiscentos e quarenta dentro de Portugal e arvorámos a bandeira da inde-

pendência com a divisa: **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.**

Entretentes, emergem da terra as primeiras moradias da nossa futura Aldeia. Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da criança. Constróem-se vivendas de ar e luz, para famílias de 9, de 14 e de 20 rapazes. Uma casa que verdadeiramente interesse os seus simpáticos e irrequietos habitantes. Que lhes inspire amor ao asseio. Que lhes dê o verdadeiro sentido da dignidade de pessoa humana. O belo, por ser reflexo da Beleza Incrriada, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Digo mais: sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.»

Quase 25 anos após a subida ao Céu de Pai Américo, lembrámos na Capela os 38 anos de vida da Comunidade. A história jorrava às pinhocas, desde a instalação no velho mosteiro ao crescimento da nossa Aldeia pela mão dos pedreiros: oh pedrinha ó, oh pedrinha é...! Um monumento de granito cimentado no Santíssimo Nome de Jesus, alfofre de tantas almas que seriam lixo das ruas — como nós outros! Toda a beleza que nela se respira, esculpida por mão de artista — Pai Américo — é «reflexo da Beleza Incrriada». E ele acentua: «sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.»

Padre Carlos

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo

Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4500 PAÇO DE SOUSA - Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Maio: 47.000 exemplares

## Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª página

a uma hora era o funeral de dois amigos. Ambos mortos em consequência de trombose cerebral. Tinham casado no mesmo dia. Fui unir-me à multidão que se reuniu e que na igreja matriz rodeou o altar, onde com os dois corpos presentes, celebrámos a Palavra do Senhor, a Eucaristia, pedindo ao Senhor da vida e da morte a Paz para aqueles dois que chamou e meditámos, mais uma vez, no mistério da morte que vem sem ser esperada, mas com a certeza da ressurreição.

Ao regressar a Casa, depois da tristeza da morte, dois motivos de muita alegria: tinham terminado bem todos os trabalhos e nosso padre Luiz, da Casa do Gaiato de Lisboa, no Tojal, tinha chegado com Luiz Covas e iam jantar connosco. Já na sala de jantar, ficamos algum tempo em oração e depois, com a sopa, o arroz com ovos mexidos, os bolos — outra vez distribuídos pelo Neutel — retemperámos as nossas forças.

Com um cafézinho em casa do Carlos Manuel despedimo-nos e enam horas de descanso e de dormir. Foi já na cama que acabei de rezar o Terço.

Muito obrigado Senhor por mais este dia.

Padre Horácio